

resenha

tríade
comunicação, cultura e mídia

Les sciences de l'information et de la communication.
éric dacheux (coord.), Paris, cnrs
éditions, 2009.

Marcelo Santos

Doutor em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP. São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: formarcelo@gmail.com



Em 2009, Éric Dacheux, professor do departamento de Comunicação da Université à Blaise Pascal, França, organizou pelo Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) o volume “Les sciences de l'information et de la communication”, ainda sem tradução para o português e objeto desta resenha. Objeto, aqui, tem duplo sentido: designa não apenas a nossa matéria — *stricto sensu* conteúdo livro —, mas também certa intenção autoral, a de falar sobre Epistemologia. O assunto, contexto recente, parece despertar grande interesse: há pouco, abril de 2013, Jairo Ferreira, professor na Unisinos, anunciou a criação de periódico exclusivamente devotado ao debate das questões epistemológicas comunicacionais. Digno de nota, inclusão necessária, é citarmos o último número da “Revista Logos”, titulado “A Cientificidade da Comunicação: Epistemologias, Teorias e Políticas”, cujo conteúdo, editado por Vinicius Pereira e Erick Felinto, foi objeto de acaloradas mensagens, também abril deste ano, na lista de discussão da Compós¹. Tomemos como exemplo o que escreveu o professor da USP Ciro Marcondes Filho: “Vinicius Andrade Pereira demonstra um grande desconhecimento do debate que atualmente se desenvolve em torno de questões epistemológicas da comunicação no Brasil”.

Tudo comentado, parece-nos importante trazer à baila o mencionado livro organizado por Éric Dacheux, no qual nomes de peso discutem epistemologia da comunicação em textos anteriormente veiculados pela publicação do CNRS Hermès. São artigos que, ao momento, aparentam ser ignorados por boa parte dos pesquisadores brasileiros. A apresentação de “Les sciences de l'information et de la communication”, autoria do próprio Dacheux, põe acento sobre questão no mínimo curiosa quando pensamos naquilo que Erick Felinto escreveu em 2011: no Brasil, discutir epistemologia da comunicação é, grosso modo, definir o “campo da comunicação”, algo supostamente apartado de outras disciplinas. O balde de água fria despejado por Dacheux (2009, p.16-17) é a notícia de que, na França, les sciences de l'information et de la communication (SIC) – note-se o plural e a conjunção aditiva – são marcadas por abordagens heterogêneas e múltiplas. Desde o seu nascimento, cumpre explicitar: em 1972, Robert Escarpit (estudos literários), Roland Barthes (semiologia) e Jean Meyriat (documentação) reuniram o grupo que, em 20 de janeiro de 1975, instituiu oficialmente as SIC como área de conhecimento naquele país (ibid. pp. 19-20).

Um delicioso texto no qual o especialista das mídias Dominique Wolton entrevista Edgar Morin, treze páginas ligeiras, segue-se à apresentação de Dacheux. Então, Morin recorre ao seu próprio itinerário como pesquisador para abordar o nascimento das pesquisas

¹Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

em Comunicação na França. Morin fala da sua migração da “sociologia do cinema” para a teoria sistêmica, passando por temas como as “revistas femininas”; aponta a evolução barthesiana, das mitologias à semiologia contrária ao pensamento de A. J. Greimas; revela, ainda, crença na interdisciplinaridade.

As palavras de Morin, findadas, encontram escrito de Jesús Martin-Barbero, nomeado, livre tradução, “As questões das ciências da comunicação na perspectiva latino-americana”. Barbero (2009, p.53-54) começa por explicar um primeiro momento de pesquisas marcadas por, de um lado, certo colonialismo intelectual, onde se localiza a hegemonia do paradigma informacional/instrumental norte-americano; do outro lado, quase por oposição, a crítica ideológica de denúncia, oriunda das ciências sociais latinas. Papel coadjuvante, mas ainda assim digno de nota, foi o desempenhado pela semiótica, notadamente a devedora do estruturalismo francês. Na década de 1970, segundo Barbero (ibid., p.54-56), o resultado desta separação “saberes técnicos e crítica social” produziu certa esquizofrenia entre posições teóricas e práticas profissionais. Então, a inserção das comunicações como subárea das ciências sociais – conforme ainda hoje observamos no Brasil – acabou por fomentar o estudo dos meios de comunicação enquanto meios de dominação. Os anos de 1980, porém, trariam ruptura radical: tal período, a reflexão impulsionada pelos “estudos culturais” reorganizou no contexto latino as topografias do pensamento comunicacional (ibid., p. 57). Surgiu um novo relacionamento com as ciências sociais, caracterizado pela incorporação de conhecimento histórico, antropológico e estético, sem que sociologia e ciência política fossem marginalizadas. Ao invés de dissolver objetos de estudo nas mencionadas disciplinas, o olhar plural serviu para destacar a especificidade – complexa, transdisciplinar – daquilo que se entende como comunicação.

Barbero (ibid., p.59) assinala três consequências dessa nova perspectiva: 1) a comunicação é, ao mesmo tempo, motor e condutor final da interação social; 2) a instauração do “midiancentrismo”, a confusão entre comunicação e o estudo dos dispositivos técnicos; 3) a consideração da existência de uma “comunicação autêntica”, localizada fora das mídias mercadológicas. Hoje, segundo Barbero nos informa no seu texto, os estudos comunicativos também se voltariam para a consideração de que comunicação e cultura são áreas chaves da batalha política; haveria também a preocupação com uma “economia da informação”, necessária à gestão pública e privada; e, no que se reporta à cultura, a comunicação funcionaria como o espaço estratégico de criação e apropriação de diferenças entre povos, classes ou etnias.

Os “estudos culturais”, apontados por Barbero como propulsores da ruptura verificada na década de 1980 nas pesquisas em comunicação latinas, são o assunto do capítulo três de “Les sciences de l'information et de la communication”, assinado por Ien Ang, professor da aludida matéria na University of Western Sydney. Após explicar o interesse do campo – a recepção, domínio complexo, contraditório e multidimensional – e as suas práticas aleatórias e imprevisíveis, inspiração etnográfica, Ang (2009, p.71) informa que a análise de recepção poderia muito bem chamar-se “etnografia dos públicos das mídias”, tamanho condicionamento dos estudos culturais à indicada disciplina da antropologia. Todo caso, o autor (ibid., p. 87) alerta para a necessidade de hoje, diante das relações culturais profundamente antagônicas, livrar-se da rigidez teórica.

No capítulo seguinte, James Curran, professor de comunicação na Universidade de Londres, nos leva a um exercício dialético. O irônico “La réinvention de la roue: Critique des «Cultural Studies»” coloca em suspenso os avanços trazidos pelos “estudos culturais”, sobretudo na contemporaneidade. A tese central de Curran (2009, pp.108-110) é a de que há duas grandes escolas de pensamento comunicacional dentro das pesquisas de recepção: o modelo pluralista, relacionado às abordagens liberal e funcionalista, e o modelo crítico, alguma medida ligado ao pensamento marxista e aos “estudos culturais”. Ao contrário do que se poderia imaginar, alega Curran, a submissão das pesquisas de recepção às proposições de nomes como Eco, Barthes e Hall produziria pesquisas bastante similares às realizadas na década de 1940; isto é: a chamada “segunda geração dos estudos de recepção”, ao invés de inovar e adequar-se às novas realidades sociais, estaria parada no tempo, sobretudo metodologicamente (ibid., p.110-111). Ainda assim, houve, Curran (ibid.) admite, grandes alterações, como a rejeição das explicações totalizantes marxistas, o reconhecimento de público criativo e ativo, e um deslizamento da política para a estética popular. Tais mudanças representariam um “maremoto” (ibid.) nos estudos de recepção, cujo resultado seria a necessária remodelação dos “estudos culturais”, em curso e aberta.

O capítulo cinco do livro aqui resenhado tem assinatura de Jean-Baptiste Perret, responsável por cursos na área de sciences de l'information et de la communication na Université Paris IV (Paris-Sorbonne). O escrito dedica-se a discutir, com bastante competência, os fundamentos teóricos da disciplina mencionada. Perret (2009, p.121) nomeia três como as dificuldades de delimitação do Campo: a polissemia do termo “comunicação”, chegando-se, inclusive, à consideração de que “tudo é comunicação” – e à conclusão de que a comunicação é a ciência de tudo; a recorrência teórica constante às disciplinas que originaram a área, ação prejudicial à autonomia das SIC; e, por fim e consequência direta do problema

anterior, a ausência de objetos ou aportes específicos, já que metodologias são retiradas de outras abordagens das Humanidades (ibi., p.123-126). As considerações do autor não são novidade para acadêmicos brasileiros; a estes causaria espanto, talvez, aquelas que Perret aponta como as três dimensões das pesquisas em comunicação na França: a linguística e o social (discursos/práticas sociais), a semiótica e a técnica (dispositivo), o social e a técnica (usos/sistemas de signos) (ibid.: 128-130). A tentação de abordar tantos aspectos de um mesmo fenômeno ao mesmo tempo, diz Perret, pode produzir pesquisas – e quem sabe pesquisadores – superficiais.

O sexto e último texto de “Les sciences de l'information et de la communication”, autoria de Dominique Wolton, passa a vista sobre as contribuições produzidas pela disciplina. De um lado, anota Wolton (2009, p.134), a informação se ocuparia do signo, unidade cognitivo-simbólica; do outro lado, a comunicação busca o Outro-receptor. A união de tais empreitadas em uma mesma e complexa ciência borrou as fronteiras de outras áreas do conhecimento tradicionalmente segregadas: linguística, história, ciência política, geografia e tantos outros saberes, impossível nomeá-los por completo, viram-se, de repente, embaralhados. Se o alerta de Perret, capítulo anterior, incidiu sobre o perigo de investigações sem profundidade, tamanha euforia transdisciplinar, Wolton (ibid., p.138-139), agora, traz perspectiva positivada: a comunicação, em seu caráter complexo, não intenta – e nem deveria fazê-lo – substituir outras ciências; mas, tão somente, ofertar modo diferente de pensar realidades sociais, políticas, culturais e psicológicas. Segundo Wolton (ibid., p.140-141), em tempos de identidades coletivas, nada é mais atual.

A leitura do volume resenhado nos faz pensar sobre as discrepâncias entre o tratamento da Comunicação no Brasil e na França: aqui, impera certo conservadorismo e subserviência às regulamentações cartoriais da área — comunicação é, larga medida, comunicação social; ou sociológica. Lá, assume-se campo transdisciplinar, heterogêneo, complexo e em devir. Talvez por isso, a crítica literária Leda Tenório da Motta (2003, p.34), formação parisiense, tenha escrito o que segue no seu “Literatura e contracomunicação”: “saibamos, neste limiar de um novo século [o século XXI], contestar as elites no topo da burocracia institucional que insistem na reserva de mercado para a autarquia das comunicações”.

Referências

FELINTO, ERICK. Da teoria da Comunicação às teorias da mídia, ou, temperando a epistemologia com uma dose de cibercultura. **ECO (UFRJ)**, v. 14, p. 1-15, 2011.

MOTTA, L. T. **Literatura e Contracomunicação**. São Paulo: UNIMARCO, 2003.